

Uma vida para além das idéias convencionais,

resenha da autobiografia:

SACHS, Ignacy. *A TERCEIRA MARGEM: em busca do ecodesenvolvimento*.
Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

André Souza Martinello

Doutorando na USP
andresoumar@gmail.com

Se algum curioso caso exista interessado por adentrar em fatos do século XX, ou leitores que desejarem conhecer um livro que relate a vida de uma pessoa ao longo de importantes eventos que marcaram e caracterizaram o século passado, será legítimo indicar a leitura de momentos e situações da vida de Ignacy Sachs. Nascido na Polônia no ano de 1927, emigrou de sua pátria em 1939. Vivenciou a passagem do final da infância para a adolescência e entrada na vida adulta no Brasil. Graduou-se em economia na cidade do Rio de Janeiro e em 1954 retorna à Polônia. Mudou-se para Índia em 1957, País em que viveu até 1960 e onde realizou doutoramento. No Brasil também conheceu sua esposa, Viola, assim como Ignacy, polonesa. Casaram-se e ambos escreveram um importante dicionário polonês-português. Muitas outras curiosidades e aspectos da história da vida de Ignacy Sachs estão reunidas na obra *A terceira margem*.

Trata-se de uma auto-biografia “recheada” de aventuras. É um conjunto de memórias que aflora para reconstituir e dar sentidos aos acontecimentos, a partir das observações do autor, alguns desses fatos importantes são compartilhados ao longo do livro. Bastaria apenas, para demonstrar algumas descrições bastante atrativas do livro, apontar os casos que o fizeram migrar por vários continentes. Seja fugindo da ascensão do nazi-fascismo na Europa entre guerras; a invasão alemã à Polônia; várias situações de anti-semitismo; a tentativa de construção do socialismo real no leste europeu e os fracassos da aparelhagem e burocratização estatal, assim como, o começo da Índia enquanto nação moderna independente/descolonizada. Além desses, entre tantas outras circunstâncias possíveis de aferir-se a respeito de situações vivenciadas e descritas por Ignacy Sachs, a memória do autor entrelaçada a eventos de repercussão mundial, tornam a leitura integral do livro, um prazer dadas as descobertas e revelações que pode causar.

A obra *A terceira margem* – o título faz referência ao conhecido conto do romancista brasileiro João Guimarães Rosa – é um bom exemplo do que historiadores costumam nomear e utilizar em suas pesquisas como: fonte. Afinal, trata-se de um depoimento de vida em mais de 300 páginas, em que, estão presentes detalhes de lembranças de um homem que nasceu em Varsóvia no ano de 1927. Nas trajetórias de sua formação intelectual observam-se desafios, desde os estudos iniciais às limitações de uma formação periférica quando de sua graduação em Economia no Brasil, somados à condição de estrangeiro, a necessidade de aprendizados de línguas (e o mesmo posteriormente para seus filhos em outro País) e o conseqüente resultado de estranhamento e enriquecimento de interpretar o mundo.

Pelos diferentes e múltiplos destinos conhecidos e vividos em continentes do globo, é possível destacar a formação intelectual de Ignacy Sachs também influenciada pela grande mobilidade e fluxo que realizou desde sua juventude, o que lhe possibilitou interpretar o mundo a partir de um jogo usando espelhos: Polônia, Brasil, Índia. Como ele diz logo no começo (p.22): “Descobri o Brasil pelo prisma da Polônia de minha infância, e depois a Índia pelos parâmetros do Brasil. Desde então disponho de dois poderosos espelhos”. Mesmo que acontecimentos “do centro” do sistema político/econômico permeiem e influenciem sua história de vida (seja dito, particularmente o contexto Europeu), a contribuição intelectual, prática e a forma de analisar o mundo por Sachs, partem também da “periferia”, quebrando com eurocentrismos e análises “da elite” do globo.

A formação intelectual perpassa grande parte dos relatos da vida de Ignacy Sachs nessa obra (cujo subtítulo é: *Em busca do ecodesenvolvimento*). Pode-se dizer, que a busca do progressivo “melhoramento” e aprofundamento teórico da noção de ecodesenvolvimento foi um dos motivos que tornaram a vida de Sachs uma constante busca intelectual. O autor que muitas vezes mudou de nação como (i)migrante qualificado, ou em outras circunstâncias, como “exilado”, caracteriza boa parte da vida como uma “contínua” e permanente formação, assim como a constante busca da construção da ideia de ecodesenvolvimento.

Está presente no livro *A terceira margem*, como Ignacy Sachs se vê formando e se construindo como um pensador crítico e atuante. Um intelectual realmente disposto e constantemente em processo de realizar-se ora como professor, ora consultor, entre

outras funções que desempenha, vigilante na busca de uma melhor alternativa para os desafios socioambientais da humanidade.

Complementou seus estudos, doutorando-se na Índia e fixou-se na França como professor em 1968, sendo Paris sua base para manter-se conectado às redes (muitas das quais ajudou a formar) de ação, observação, pesquisa e intervenção. Sachs relata em várias passagens do livro, que em diferentes momentos e situações de sua vida, ele diz ter estado por coincidências do acaso: no momento certo, no local correto e com as pessoas mais indicadas ou influentes, em determinado assunto. Ao que parece, a própria entrada da “dimensão ambiental” em sua agenda também foi uma dessas histórias que os caminhos da vida acabaram dirigindo. O próprio autor admite algumas de suas ações como resultados e ainda influenciadas por alguns acasos iniciais.

Contudo, claro que os ideais, às causas e formulações de propostas para um melhor desenvolvimento – inclusive a importância de Sachs ao ajudar a conceituar a expressão ecodesenvolvimento – influenciaram diretamente nos acasos e achados que ele ajudou a construir. As reuniões preparatórias à Conferência de Estocolmo são um dos exemplos do que Sachs aponta ter sido um dos responsáveis pela organização.

Um dos teóricos contemporâneos mais destacados nas discussões do desenvolvimento, Sachs propõe a convergência de disciplinas para a resolução de problemas sistêmicos, como por exemplo, a substituição de combustíveis fósseis (matriz baseada no Petróleo), em direção à Agroenergia (Biocombustíveis, matriz limpa e renovável). Essa é também uma clara busca rumo à entrada na transição de uma sociedade sensível à problemática socioambiental.

Sachs insiste na perspectiva de *um novo ciclo* de desenvolvimento rural nos Países tropicais, particularmente naqueles (como o Brasil) que não viveram uma efetiva e massiva democratização da posse e acesso a terra, em uma perspectiva de produção que respeite a diversidade da natureza, associando agricultura familiar com proteção e promoção da biodiversidade, criticando em contrapartida, a produção agrícola ecologicamente predatória. Para Ignacy Sachs, a reforma agrária bem feita é ainda uma importante fórmula e meio de promover o desenvolvimento rural, que em consequência, favoreça ainda, as áreas urbanas.

Sachs defende a idéia de que os camponeses são atores importantes na conservação dos bens e dos patrimônios naturais. Muitas vezes esses atores sociais são

aqueles mais próximos a determinados recursos, e que deveriam receber os maiores incentivos e estímulos para auxiliarem na perpetuação e promoção da flora, da fauna e dos potenciais hídricos. Afinal, é importante enfatizar, são também grupos como camponeses, aqueles que sofrem os danos e consequências de ações da degradação ambiental.

A reforma agrária associada ao subsídio e mesmo incentivo financeiro à agricultura familiar para proteção de paisagens (principalmente do tripé: água, solo e ar), são algumas das propostas para um planejamento em uma perspectiva do ecodesenvolvimento. Na busca de um eixo de entrada em uma efetiva transição para uma sociedade de baixo carbono, Ignacy Sachs acredita que o destino da humanidade está nas mãos dela própria. Em outras palavras, na “crise civilizatória” atual, Sachs sugere quais atores sociais podem ser importantes no processo de aumento de proteção da paisagem e guardiões de bens e recursos comuns. A mata em pé é tanto soberania e segurança alimentar, como meio de auxiliar a agroenergia, aproveitando o máximo possível de detritos e resíduos.

Não há como argumentar que as propostas de intervenção do franco-polonês Ignacy Sachs sejam estritamente *românticas* ou de um utópico senhor vendendo sonhos. Por mais catastrófico que possa parecer para alguns, a reflexão que realizou ao longo de sua intensa vida política e acadêmica credenciam o autor. Mais do que ser levado a sério, seus ensinamentos deveriam ser praticados. Aceitar que vivemos um tipo de “crise civilizatória” pela degradação que parte da civilização tem provocado no meio ambiente, não é mais um debate entre ecologistas e não-ecologistas. Vai além de uma abordagem e opinião, face aos impactos negativos dos usos que têm sido feitos dos bens comuns. O que antes da Eco-92 e da Conferência de Estocolmo parecia ser ainda possível de controle (seja a poluição industrial, a devastação florestal e as chuvas ácidas), atualmente apresenta-se como uma crise socioambiental que atinge o planeta como um todo, em uma direção trágica. Os usos do patrimônio natural – como se fossem recursos inesgotáveis – têm produzido paisagens degradadas e poderá aprofundar-se cada vez mais se continuarmos nessa direção.

Na obra de Ignacy Sachs podemos encontrar um balanço de sua vida, de suas ações, escolhas e preferências. Há muitas revelações curiosas, entre elas a influência de Gandhi no seu pensamento (inclusive a sua crítica a determinadas opiniões do pacifista

indiano). Ele lamenta também não ter escrito um livro sobre o líder que defendia a não violência e a desobediência civil. Na obra *A terceira margem* é constante o relato do encontro de Sachs com vários brasileiros, entre tantos outros, como Josué de Castro.

É um livro que fala muito do século XX, da crise ambiental, dos problemas sociais e desafios que a contemporaneidade deverá enfrentar. Uma obra mestra de um mestre. Escrita leve com depoimentos emocionantes, que poderia muito bem ser confundida na estante dos romances, não fossem as criativas propostas e intervenções sugeridas por Sachs, *A terceira margem*, poderia ser uma bela ficção, contudo, muita vida pulsa naquelas linhas, o que torna o livro (de uma vida) uma obra que ajuda em uma interpretação crítica do mundo de hoje.

Recebido em 16/03/2012 Aceito para publicação em 25/08/2012.
